



Horizonte v. 8, n. 17, abr./jun . 2010

## Dossiê: Biodiversidade, Política e Religião

Antonio Geraldo Cantarela – Editor

A biodiversidade – qualquer que seja sua definição – ocupa hoje lugar de destaque na agenda econômica e política dos dirigentes das nações. Na esteira das discussões globais que fazem do tema a rainha do xadrez das relações internacionais, outros foros debatem o assunto, fazendo-o transitar pelos campos da ética, da religião e da vida diária. Em vista da indiscutível importância do assunto e da premência com que envolve todas as esferas da vida, Horizonte dedica-lhe o espaço central desta edição.

Leonardo Boff brinda-nos com o **Editorial**, tecendo alguns liames entre biodiversidade, política e religião. Inicia referindo-se à ambiguidade do projeto da civilização moderna inaugurada no século XVI: de um lado, as vantagens trazidas pelo domínio da natureza; de outro, o elevado preço da degradação dos ecossistemas. Conforme aponta Boff, a atual culminância desse desequilíbrio põe em risco a biodiversidade e impõe a urgência de “avaliar o que fizemos, resgatar o que é possível e traçar outra rota que seja amiga da vida e da Terra”. Pergunta Boff: Teremos discernimento e sabedoria imprescindíveis para a implementação de uma política mundial salvadora da vida no planeta? Qual a missão das religiões e dos caminhos espirituais nessa empreitada?

O primeiro artigo do DOSSIÊ trata d’**A dimensão simbólica e espiritual da biodiversidade nas cosmologias indígenas e nas abordagens filosóficas**. No artigo, Maristela Oliveira de Andrade examina algumas narrativas cosmobiológicas indígenas sul-americanas, em diálogo com reflexões filosóficas, destacando nelas o aspecto do desaparecimento das fronteiras entre humanidade e animalidade. Conforme a autora, os

saberes e práticas das comunidades tradicionais, expressas naquelas narrativas simbólicas, promovem efeitos de manejo sustentável da biodiversidade.

**Religiões da terra e ética ecológica**, de Rosalira dos Santos Oliveira, destaca as contribuições das chamadas religiões da natureza ou religiões da terra na discussão sobre a nossa responsabilidade na preservação da vida no planeta. A autora fala do impacto sobre a vida do planeta causado pela dessacralização do mundo e tece um contraponto entre a atitude teísta (das religiões do livro) e a perspectiva cosmobiológica (das religiões da terra) no que diz respeito à relação entre o ser humano e a natureza. Conforme a autora, “a concepção de uma natureza viva e a intuição de um parentesco entre o homem e os demais seres”, características das religiões da terra, constituem valioso contributo ao movimento ecológico.

**Climate change and Southern theologies: a Latin American insight**, é uma contribuição do pesquisador uruguaio Guillermo Kerber. Baseado na apresentação feita pelo autor num evento sobre clima, realizado na Noruega em 2009, o artigo apresenta a matriz das teologias latino-americanas, a partir de alguns de seus principais expoentes (Leonardo Boff, Juan Luis Segundo, Gustavo Gutierrez). Enumera empreendimentos (teologias indígenas, eco-teologias, relações entre teologia e economia, teologia feminista), que podem contribuir para a discussão de assuntos relacionados às mudanças climáticas.

Em **Biodiversidade, Estado brasileiro e Religião na Amazônia**, Deis Elucy Siqueira mostra que no rol das preocupações e debates sobre a biodiversidade, a Amazônia ocupa lugar destacado. As populações locais, sempre esquecidas, passam a ser vistas hoje como detentoras de saberes tradicionais de grande importância para a conservação da biodiversidade – saberes estreitamente ligados à religiosidade, como as encantarias e pajelanças.

**Ser humano e natureza na teologia cristã: quando fizestes a um lençol freático, a fim me fizestes** – que amplia no subtítulo a lista dos “pequenos” da passagem bíblica de Mateus 25 – contrapõe-se à fala de um senador da república que, para justificar sua oposição a medidas de proteção ambiental, fez uso de um texto bíblico. Orivaldo Pimental Lopes Júnior, autor do artigo, encontra aí pretexto para uma série de considerações acerca da teologia cristã, no que tange a relação entre ser humano e natureza, e do uso político das tradições religiosas.

O artigo de Agenor Sarraf Pacheco – **Encantarias afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, práticas de cura e (in)tolerâncias religiosas** – constrói um panorama dos movimentos de trocas e conflitos culturais estabelecidos entre índios, africanos, colonizadores e missionários no arquipélago de Marajó.

Em **Evolução, religião e ambiente**, Martin Lindsey Christoffersen afirma a preservação da biodiversidade como uma questão moral candente. Reflete sobre as responsabilidades das instituições religiosas, de forma integrada com a ciência, na intermediação política em prol da solução dos problemas ambientais.

Na seção de TEMÁTICA LIVRE, Vera Lúcia Maia Marques escreve sobre os **Convertidos ao Islã: brasileiros e portugueses**. Motivada pelo cenário de intensificação dos debates recentes sobre o Islã e o islamismo (aumento numérico dos adeptos, acusação de relação com o terrorismo), a autora observa e compara a presença islâmica no Brasil e em Portugal, anotando: as relações entre religião e cultura, entre tradição e modernidade, as diferentes procedências, vertentes religiosas, escolas de pensamento, movimentos religiosos. Na mesma seção, Lea Freitas Perez escreve **Algumas notas sobre religião e cultura de consumo**. O artigo remete ao clássico tema das relações entre religião e modernidade, a partir da reflexão sobre as relações entre o âmbito do sagrado e a cultura do consumo. Ainda que continue a atuar sobre a vida, a ser fonte de sentido e de experiência, a religião possibilita também (e ambigualmente), conforme o espírito de nosso tempo, “as experiências lúdicas, hedonistas e hibridizantes”, pois que se acomoda à lógica do consumo.

Duas COMUNICAÇÕES retomam o assunto da biodiversidade. Romeu Cardoso Guimarães, em **Biodiversidade e religião**, explora o tema enquanto um conceito aplicável a todos os sistemas processadores de informação, desde os de base biológica àqueles construídos pelas escolhas sociais, incluindo aí a religião.

A comunicação de Sílvio Pinto Ferreira – **Desenvolvimento sustentável: cultura e cidadania** – sugere que a ampliação da noção de patrimônio cultural contribuiu de forma particularmente positiva para as discussões da ECO-92. Para ilustrar esses ganhos, aponta algumas ações propostas pela Agenda 21 Local do Município de São Paulo.

Na seção de RESENHAS, João Batista Libânio apresenta o livro de Monique Dumais, **Femmes et mondialisation** (2009). A obra distingue mundialização, enquanto

fenômeno cultural mais abrangente, de globalização, que se refere antes ao campo econômico. Seguindo perspectiva da teologia feminista, o livro demonstra que “os efeitos da mundialização não afetam indiferentemente os dois sexos” e aponta os efeitos que ela causa sobre a mulher e como esta aí atua. Também resenhado por Libânio, **Keeping the Window Open** (2009), de Tim Noble, publicado na República Tcheca, é uma tese doutoral que revela excepcional conhecimento dos teólogos da Teologia da Libertação, ainda que seu foco principal seja o clássico *Teologia e Prática* (1978) de Clodovis Boff.

Antonio Carlos Silva Ribeiro resenha **Jesus, símbolo de Deus** (2003), de Roger Haight. A obra, resultado de muitos anos de ensino teológico na escola de teologia dos jesuítas de Cambridge, custou ao autor a perda da *missio canônica*. Haight descreve as formas como Jesus foi apropriado pela cristologia e põe em questão a plausibilidade da pregação do evangelho num mundo pós-moderno.

**O que é ciência da religião** (2005), de H.-J. Greschat, resenhado por Rodrigo de Abreu Oliveira, propõe-se a esclarecer o que significa fazer Ciência da Religião. Discute aspectos relativos ao objeto e à metodologia, discorre sobre fenomenologia da religião e constrói distinções entre o teólogo e o cientista da religião.

Aos leitores de Horizonte, desejamos bom proveito.

Os Editores